

COMO KARL JASPERS ENFRENTA O PROBLEMA MENTE-CORPO?

Nivaldo Duarte de Marins¹

Hospitais Portugueses S.A (HOSPOR)

 <https://orcid.org/0000-0002-8013-3094>

E-mail: nivaldomarins@sapo.pt

RESUMO:

O problema mente-corpo permanece presente e desafiante no campo da filosofia. Propomo-nos a encará-lo através do olhar da Filosofia da Existência de Karl Jaspers. Os Somaticistas capitaneados por Wilhelm Grissinger defendiam a concepção que a doença mental era uma doença do cérebro. Por outro lado, Johann Heinroth, líder dos Psicologistas, defendia que a mente enferma sofria dos influxos da Moral e da Religião. Karl Jaspers vai se rebelar contra tais visões. A concepção de Grissinger receberá a denominação de “Mitologias Cerebrais” por parte de Jaspers. Jaspers lutará contra uma visão reducionista do enfermar psíquico. Em 1913 virá a baila a sua obra seminal *Psicopatologia Geral* que buscará um ordenamento bem definido dos diversos saberes existentes ao abordarmos o doente mental. Veremos que ao longo dessa obra, a questão mente-corpo sofrerá diversas abordagens e iremos demonstrar as diversas falhas de cada abordagem. Por fim, com a revisão da *Psicopatologia Geral* a partir da quarta edição, ocorrerá o que viemos a denominar uma “transposição” dos conceitos da Filosofia da Existência para a *Psicopatologia Geral*, nomeadamente no que diz respeito ao problema mente-corpo. De fecho, discutiremos as vantagens e desvantagens dessa “transposição” principalmente no que diz respeito a vertente da prática clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Karl Jaspers; Existência; Mente-Corpo; Problema.

HOW KARL JASPERS FACES THE MIND-BODY PROBLEM?

ABSTRACT:

The mind-body problem remains present and challenging in the field of philosophy. We propose to look at it through the eyes of the Philosophy of Existence of Karl Jaspers. We will discuss the clash between the so called somaticists and the psychologists that existed in the German psychiatry at the beginning of XIX century. The somaticists led by Wilhelm Grissinger advocated that the diseased mind was a disease of the brain. On the other hand, the psychologists were subject to the influences of morality and the religion. The leader of the psychologists was Johann Heinroth. The concept of Grissinger will receive the name of “Cerebral Mythologies” by Jaspers. Jaspers will fight against a reductionist view of mental illness. In 1913 his important work -*General Psychopathology* -will be published. The objective of the work was organizing the different knowledge in the field of mental illness. We will see that throughout this work, the mind-body problem will undergo various approaches and we will demonstrate the failures from each approach. Finally, with the review of *General Psychopathology* starting from the fourth edition succeeds what we call a “transposition” of concepts of Existence Philosophy to *General Psychopathology*, especially with regard to the mind-body problem. Lastly, we will discuss the advantages and disadvantages this “transposition” in the point of view of clinic practice.

KEYWORDS: Karl Jaspers; Existence; Mind-Body; Problem.

¹ Doutor(a) em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (U.PORTO), Porto, Portugal. Mestre em Psiquiatria e Saúde Mental Pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (U.PORTO), Porto, Portugal. Médico Psiquiatra

Introdução

O problema mente-corpo atravessa a história da Filosofia. Com o passar dos tempos e das diversas teorias expostas a respeito da relação mente-corpo, seríamos, a princípio, atraídos pelas palavras de Aristóteles que dizia, “mas, no caso da mente e da faculdade do pensamento, nada se encontra clarificado” (Aristóteles, 2001, p.55).

Iniciemos pelo embate entre duas concepções divergentes em relação ao problema mente-corpo: os somatistas e os psicologistas no seio da psiquiatria germânica

O embate entre somatistas e psicologistas

Em termos históricos a psiquiatria como uma forma de saber tendo como objetivo de estudo as manifestações chamadas de doenças mentais, surge no final do século XVIII e início do século XIX. Na Alemanha a questão da doença mental era tratada através de uma visão filosófica.

Wilhelm Griesinger (1817-1868), tornou-se catedrático de psiquiatria na Universidade de Berlim e vai capitanear uma nova forma de abordar a doença mental a partir da análise e estudo do cérebro. Sua famosa frase demarca, uma clara separação de conceitos: “a doença mental é uma doença do cérebro”. Vale chamar a devida atenção que Griesinger “teve o mérito essencial de encerrar um período em que a psiquiatria no seu país era quase puramente especulativa, fazendo-a entrar no campo de empirismo, médico” (Pichot, 1984, p. 49).

Numa palestra realizada em Zurique aquando da abertura da clínica psiquiátrica, Griesinger deixa bem claro as dificuldades e objetivos que devemos nos voltar frente aos desafios da psiquiatria. Ele diz-nos:

No presente estado o nosso conhecimento das perturbações mentais, nós as invocamos nos sintomas da lesão do cérebro e nervos, e na admissão e correta concepção que fornece por fim e aponta o diagnóstico dessas doenças claramente e distintamente.

Para determinar não meramente o carácter da alteração mental, mas, tão longe quanto possível, a natureza da lesão do cérebro e nervos, esse é o problema real para solucionar, o especial trabalho do diagnóstico na loucura (Griesinger, 1864, pp.534-535).

Johann Christian August Heinroth (1773-1843), foi um dos maiores representantes da vertente psicologista dentro da psiquiatria alemã no início do século XIX. As ideias de Heinroth representavam uma “psiquiatria romântica”, à qual se opunha uma visão racional e que acreditava que os “distúrbios da mente” possuíam sua origem nas opções feitas pelo paciente ao longo da sua vida e nas suas consequências acarretadas. Em pauta estaria: a escolha feita por cada um entre o certo e errado, tendo como pano de fundo uma forte influência religiosa.

Para avançarmos cabe, no trecho que se segue, uma síntese do núcleo do pensamento dos psicologistas (mesclado com ideias de teor moralista e teológico), através de Heinroth:

Toda a paixão é realmente um estado da doença humana, a qual também afeta a vida física, que mais ou menos sucumbe a ela, dependendo do vigor da paixão. É dirigida ou para uma possessão ou estado e corresponde ao ganancioso ou medroso estado da mente dependente da vitória do estado ou aparentemente iminente. Ganância e medo são o flagelo do mundo e egoísta homem através da sua vida. (Heinroth, 2007, p. 27)

Karl Jaspers e a psicopatologia geral

Jaspers é convidado por Ferdinand Springer a escrever uma Psicopatologia Geral em dois anos. Sendo assim, em 1913 surge a obra Psicopatologia Geral que nos acompanha até aos dias que correm.

Cabe, então o questionamento: Qual o objetivo de Karl Jaspers ao escrever a Psicopatologia Geral?

Ele explica-nos:

Na minha Psicopatologia eu não apresentei tudo sobre a base de uma teoria e não ordenei meus achados sobre uma visão total da matéria. Tão pouco desenvolvi métodos de pesquisa para demonstrar o que é consequente para cada método. O sistema era com efeito uma sistematização de métodos. O propósito do meu trabalho era a liberação do pseudoconhecimento dogmático, o fortalecimento da visão aberta em pesquisa por uma consciência clara de seus métodos e as suas limitações (Jaspers, s/data, p. 155)

Indo ao essencial: a metodologia da Psicopatologia Geral vai habitar, dependendo do fenómeno estudado e das suas limitações do conhecer, duas esferas: a esfera da compreensão e a esfera da explicação. Voltemo-nos então para esse ponto crucial.

O compreender obtém os seus dados de diversas fontes. Jaspers aponta três fontes:

1 - “Imersão”, por assim dizer, nos gestos, comportamentos e movimentos expressivos destes (dos pacientes)

2 - A exploração pelo questionamento direto do paciente que nós próprios fazemos e por meio de avaliação que os próprios pacientes, sob nossa condução fazem de si mesmos.

3 – Auto descrições escritas - raramente realmente boas, por outro lado, todas do mais alto valor, elas podem de fato, ser usadas mesmo que não se conheça a personalidade do autor (Jaspers, 2005, p.770).

Quando Jaspers lança mão da compreensão como uma forma de abordagem e aproximação ao psiquismo de uma outra pessoa, parte dos seguintes pontos: a ideia de que, através do compreender um acontecimento psíquico emerge de um outro acontecimento psíquico. Um exemplo irá clarificar esse ponto de vista: pronto iremos compreender a tristeza de um pai ao enterrar o seu filho que faleceu de forma súbita. Estes acontecimentos psíquicos (a tristeza do pai e o fato ocorrido bem como a nossa compreensão) estarão ligados por um sentimento que repercuta em nosso psiquismo: a empatia que sentimos ao entrar em contato com tais vivências.

Em outros termos: os estados mentais que entramos em contato através da compreensão, possuem uma “Qualidade Genética” que lança mão da empatia, de perceber as conexões e a pronta emergência de um fenómeno psíquico advindo de outro fenómeno psíquico. A ênfase dada a esse tipo de metodologia quando nos deparamos com fenómenos psíquicos - nomeadamente de forte carga afetiva – vai seguir os ensinamentos de Dilthey.

A explicação, por seu turno, como instrumento metodológico vai buscar as suas bases na observação, experimentação e a racionalização. Acrescentaríamos a utilização de instrumentos para caracterizar, denominar e descrever as alterações bio cerebrais nas salas de necropsia. Buscava-se um tipo de causalidade direta de ordem neuro-histológica que teria como consequência a sintomatologia narrada, em detalhes, no campo da clínica.

A postura critica de Jaspers não se fará esperar. A sua critica será contra a absolutização do saber explicativo, via tão só o conhecimento orgânico das alterações bio cerebrais.

Em outros termos: o estudo exclusivo e intenso dos processos cerebrais, acrescido de variações nos campos da fisiologia, da psicologia experimental veio a criar verdadeiras “mitologias cerebrais” que foram aceites, não questionadas ao longo do tempo. É esse um aspeto central que

a Psicopatologia Geral de Jaspers vem apontar. Como consequência, passamos a ter uma verdadeira confusão de métodos, isto porque:

eles (os investigadores), só anexam validade processos cerebrais, constituição, fisiologia e continua [...] E até que ponto é possível excluir a vida psíquica, a terminologia deles favorecem tratar o fenómeno psíquico como categorias da biologia. Outros investigadores - particularmente aqueles interessados nas Humanidades - pensam pouco ou algo do género “materialista” de uma psicologia sem o psicológico [...] (Jaspers, 1997, p.712)

A Abordagem do problema Mente-Corpo na Psicopatologia Geral

Na obra que estamos a analisar o problema Mente-Corpo é tratado em duas partes específicas. Assim teríamos: na introdução e no capítulo denominado “Os Sintomas da Vida Psíquica nos Fenômenos Somáticos Concomitantes e Consecutivos ” (SomatoPsicologia). Jaspers diz-nos:

O objeto da psicopatologia é o fenómeno psíquico realmente consciente. Queremos saber o que os homens vivenciam e como o fazem. Pretendemos conhecer a envergadura das realidades psíquicas. E não queremos investigar apenas as vivências humanas em si, mas também as condições e causas de que dependem os nexos em que se estruturam as relações em que se encontram, e os modos em que, de alguma maneira, se exteriorizam objetivamente (Jaspers, 1973, p. 13).

Vejamos a seguinte afirmação de Jaspers em relação à mente e o corpo nas primeiras páginas de introdução da Psicopatologia Geral:

Corpo e alma formam uma unidade indissolúvel que se estende a todos os processos. Aham-se numa relação de troca recíproca muito mais penetrante na psicopatologia do que na psicologia normal. De um lado, fenómenos somáticos, que geralmente se consideram puramente somáticos, dependem também de processos psíquicos, por exemplo: os processos de digestão, a menstruação, todo o estado de alimentação, em certas circunstâncias, até a grande maioria das funções somáticas. Do outro lado, os processos psíquicos mais elevados são parcialmente causados por condições somáticas (Jaspers, 1973, p 14).

Vale reter as afirmações: “uma unidade indissolúvel” entre o corpo e alma, essa “unidade” vive em típico estado de relação, é uma “relação de troca recíproca”.

No entanto, o ponto que se segue vem introduzir novos elementos e conexões a essa “unidade”.

[...] não obstante, a unidade íntima inegável do psíquico e do somático, não se deve esquecer, porém, que ambas as séries de investigação nunca se encontram de maneira que se possa falar de uma ordenação de determinados processos psíquicos para determinados processos somáticos (Jaspers, 1973, p.15).

Para ratificar tal posicionamento ou para torná-lo atrativo, Jaspers vai lançar mão de uma figura de linguagem - a metáfora - pois afirma:

É como se um continente desconhecido fosse investigado por dois lados, mas as expedições de investigação nunca se encontrassem, uma vez que haveria sempre entre elas uma larga faixa impenetrável. Das cadeias causais entre o psíquico e o somático, sempre só conhecemos os elos finais. De ambos os lados e que se avança (Jaspers, 1973, p. 15).

Passamos a ter a nossa atenção voltada para o capítulo terceiro, da segunda secção da primeira parte do primeiro tomo da Psicopatologia Geral.

Tal parte recebeu o título de “Os Sintomas da Vida Psíquica nos Fenómenos Somáticos Concomitantes e Consecutivos (Somato Psicologia)”. Em primeiro lugar, Jaspers delineia, quais seriam as áreas em que seria possível estudarmos e sistematizarmos as relações Corpo-Mente, como unidade.

Desse ponto de vista teríamos, diante de nós, as seguintes áreas de investigação:

1 - A denominada psicologia da expressão, do ponto de vista somático, estudaríamos os gestos e a fisionomia do outro que nos levaria a compreender o significado da psicomotricidade que é expressa diante de nós.

2 - Buscaríamos as relações causais com os objetivos de entender como seriam, no plano somático, os modos de atuarem no psíquico.

3 -. Entretanto, é o momento de valorizarmos uma devida mudança no rumo da forma de pensar a relação mente-corpo feita por Jaspers.

Na extensa introdução do capítulo que estamos a passar em revista, (SomatoPsicologia) após uma série de considerações filosóficas, Jasper introduz uma ideia nova e algo... explosiva

Ocorre então, no nosso modo de ver, uma completa mudança de sentido e direção frente às posições que já haviam sido explicitadas.

A bem da verdade, o certo é que rejeitar qualquer absolutização cedendo passo a passo, jamais contém, no entanto, o todo, porque o todo é, afinal, inacessível ao conhecimento, pela própria essência deste; e o conhecimento formando-se para nós com o tempo, só é verdadeiro no espaço que nos resta aberto do total. Se quisermos conhecer aquilo que sendo totalidade transcendente tem efeitos tanto psíquicos quanto somáticos, aquilo que é primariamente, uma coisa e outra, veremos que tudo se some ante nós na clareza dos fatos definidos, acessíveis à nossa apreensão, que jamais são esse próprio todo (Jaspers, 1974, p. 272).

Jaspers “abre a porta” para uma nova dimensão e compreensão da relação mente-corpo. É o que veremos a seguir.

Críticas, hipótese de trabalho e fundamentos

Devemos ter em conta:

1 – A princípio, Jaspers defende uma “unidade” de carácter “indissolúvel” e que possui uma “relação de troca recíproca”. No entanto, estaríamos diante de uma unidade que em decorrência da natureza do fenómeno viria a apresentar valores diferentes. Em outros termos: uma unidade feita de partes desproporcionais no campo prático da clínica.

Vejamos um exemplo: um paciente que tenha sofrido um grave traumatismo crânio-encefálico apresentará sequelas bio cerebrais que seriam responsáveis em grande parte pelas sequelas psíquicas (capacidade de reflexão, autocrítica, controlo dos impulsos) que venha a apresentar. A unidade vai tender para o polo somático. Ocorrendo, na prática, uma troca de intensidade e reflexos não recíprocos na mesma proporção.

2 – Ao usar a metáfora de duas expedições para demonstrar a relação entre a vertente somática e a psíquica, Jaspers passa a lançar mão de um paralelismo que –é esse o aspeto fulcral – não possui qualquer ponto de contacto. E defende que mesmo assim chegam às mesmas conclusões, não leva em conta as diferenças na formação, estrutura e ação de duas vertentes diferentes.

3 – Ao afirmar que “...sempre só conhecemos os elos finais de ambos os lados, (o lado Somático e o lado Psíquico) é que se avança” (Jaspers, 1973, p.5). Abriríamos mão da totalidade do fenômeno. Não teríamos acesso aos elos intermediários do fenômeno, mente-corpo.

4 – Jaspers afirma que a presença de “...um setor infinito de processos intermediários desconhecidos” e chega a dizer que, “na prática, pode-se falar tanto a linguagem do paralelismo como a da ação recíproca” e mais adiante, “a cada instante se pode traduzir. (a linguagem) uma pela outra (Jaspers, 1973, p. 31). Existe, em pauta, um desnorтеio metodológico.

Passemos então, a delinear os elementos que compõem a hipótese que trabalhamos.

5 – É nossa hipótese de trabalho é a demonstraremos, é que a reedição da obra passou a sofrer a marcada influência da filosofia da existência criada por Jaspers, ao longo do tempo que esteve afastado dos problemas cotidianos da clínica psiquiátrica. A filosofia da existência passa a ser “incorporada” a Psicopatologia Geral. Passa a dar uma nova forma de ver ao desenvolvimento e as agruras do homem doente da mente.

De forma mais direta e que nos interessa mais de perto: o problema mente-corpo, sofre uma “transposição” às dimensões da filosofia da existência e ganha um outro horizonte. Um horizonte de contornos metafísicos.

Schneider chega mesmo a dizer: “sinto aversão por escrever coisas que em grande parte, não são mais que uma reunião de palavras” e continua frente à obra completamente transformada: “o predomínio nela do filosófico é o que resulta a ele (Jaspers) especialmente interessante. No entanto, que o livro conserve sua qualidade de representar a psicopatologia é uma questão diferente” (Janzarik, 2001, pp.256-257).

E para terminar, Schneider “em suas conversas pessoais, em troca, nunca oculta a sua verdadeira opinião, recomendando a leitura da primeira edição, a edição clássica, que deveria ter sido a fonte para posteriores traduções” (Janzarik, 2001, p.257).

Um dado chama à nossa atenção nas reedições da Psicopatologia Geral. A primeira edição apresenta 332 páginas, já a sétima edição, a última, que era uma reedição da quarta edição, feita por Jaspers, possuía 748 páginas (Berrios, 2013, p.433). Qual o motivo desse aumento?

Na revisão da sua obra, Jaspers introduziu novos temas e capítulos. Assim temos: O papel do material biográfico no adoecer psíquico, a descrição e importância do “Bios” na dimensão temporal, o curso “biológico” da vida e os rendimentos da sua “curva existencial”, as relações da psique anormal na sociedade e na história, capítulos que discutem o “todo do existir humano”, com um subtítulo que tem a designação de “A questão da Essência do Homem”, que questiona o “Esquema Filosófico do Abrangente” e todo um capítulo que relaciona a “Psiquiatria e Filosofia” (Jaspers, Psicopatologia Geral, Tomo II, pp.903-940).

Isto posto, avancemos rumo à filosofia da existência

Viragem rumo à filosofia da existência

Jaspers põe diante de nós uma questão primordial e atinge o cerne do problema que nos faz, por vezes, andar em círculos: “uma questão fundamental está envolvida pela pergunta: O que existe vis-à-vis, no todo mundo ser?” (Jaspers, 1986, p.63).

O encontro com esse Ser ocorrerá de forma indireta. Porém, isso não quer dizer que não o possamos vivenciar. Esse Ser poderia surgir aos nossos olhos, caso lançássemos mão de uma imagem.

Ei-la: Imaginemos uma criança a brincar com um punhado de fumaça. A criança a vê diante de si, a sente de outras formas, mas quando tenta segurá-la, a mesma se desvanece. Desaparece, não mais está lá.

O Homem é acessível a si mesmo numa “dupla modalidade: enquanto objeto de investigação, e enquanto existência de uma liberdade inacessível a qualquer estudo” (Jaspers, 1998, p.65).

Não conhecemos o mundo, conhecemos os objetos que o habitam. Tais objetos constituem a realidade. Percebemos a realidade quando nos pomos contra ela, ou seja, contra os objetos existentes.

O conhecimento de objetos existentes na realidade empírica, Jaspers vai chamar de “Orientação no Mundo”, devemos ter em conta que a análise da realidade empírica é uma etapa, necessária, da busca que fazemos do Ser.

A orientação científica que nos encaminha para o saber objetivo do que existe, abre as portas para a orientação filosófica.

Explicando melhor: se o conhecer filosófico de base metafísica é o nosso ponto crucial, o mesmo é da ordem suprassensível. Logo conhecer o sensível via o saber científico é importante para superá-lo rumo ao campo metafísico.

A orientação filosófica nos irá levar a estar frente a frente com um mundo dilacerado. Em outros termos: a estabilidade do mundo é perdida via as constantes mudanças científicas, via os atos e desejos controversos dos Homens.

Dito de outra forma: passamos a ter autoconsciência não só de nós mesmos, como também daquilo que é maior do que eu próprio, torna-se manifesto.

Eis o movimento crucial: “damos um salto, passando do reconhecimento racional dos objetos para autoconsciência não objetiva daquilo que, na mesma ocasião, executamos e experimentamos” (Jaspers, 2016, p. 43).

Qual o objetivo de tal “salto”? Como executá-lo?

Vamos as respostas: O objetivo “é a possibilidade de fundar uma nova consciência do ser” (Jaspers, 2016, p. 43).

Tal movimento é chamado por Jaspers do “saber fundamental”. Lembrar que, fundamental é aquilo que funda, que dá as bases, que reflete os dados mais primitivos.

Como executar tal movimento? Jaspers diz-nos: “desenvolvê-lo significa, por assim dizer, saltar por cima da própria sombra ou a caminhar sobre a cabeça. Tentemo-lo (Jaspers, 2016, p. 45).

A reflexão filosófica, proposta por Jaspers, é uma prática que nasce da noção da nossa própria existência.

Jasper diz-nos:

Este meio vital, depressa se pulveriza em um sem número de meios vitais que coincidem com o único mundo objetivo que não é outro, por sua vez, que a realidade fragmentada que estuda a orientação no mundo, segundo as diversas perspectivas que abrem caminho para isso (Jaspers, 1978, p. 61).

Vale chamar a atenção que esses diversos “meios vitais” que nos deparamos coincidem “com o único mundo objetivo, que não é outro [...]”. Esmiuçando essa importante passagem: O “único mundo” que temos apesar de todas as suas dificuldades e desafios, é o mundo real que vivemos e morremos. Jaspers, não nega o mundo existente. Ele vai utilizar uma outra forma de o encarar. Não colocamos o mundo “entre parênteses”, nem mesmo necessitamos encerrar um felino numa caixa, com a dúvida da sua vitalidade.

Ao vivermos, temos consciência do mundo que nos rodeia e da nossa dimensão humana. Paulatinamente escrutinamos o que se encontra ao nosso redor. E transmitimos as nossas descobertas aos nossos pares. No entanto, o “vasto mundo” não sabe de si mesmo. Ocorre, então, o seguinte movimento:

Quanto mais melhor compreendemos, tanto mais claramente nos vemos perante uma infinidade que não nos esmaga. Absorve-nos. A nossa compreensão, aproxima-nos do que há de maior. Nunca o poderemos satisfazer, no entanto, e apesar da nossa pequenez, estamos junto a esse máximo, do qual recebemos resposta (Jaspers, 2013, p. 42).

Somos absorvidos pela imensidão que nos circunda, uma imensidão formada de diferentes e constantes horizontes. No entanto, o saber científico que construímos, ao longo dos séculos, foi forjado a partir de uma clara e fecunda dicotomia. A dicotomia de um Eu que se volta para os objetos e dos objetos que se oferecem e esse Eu.

No entanto, tal dicotomia, a bem da verdade leva-nos a encafiar o seguinte: estando separados, o sujeito e os objetos do conhecimento, não teriam estado juntos?

Como diz Jaspers: “Se não são separáveis, um do outro, o que é então o Uno que os mantém juntos?” (Jaspers, 2016, p. 44)

Sujeito e objeto estiveram juntos. Surge então, o que Jaspers denomina o Abrangente.

Sigamos suas palavras: “Chamamos-lhe o Abrangente, o todo constituído por sujeito e objeto, que não é ele próprio, nem sujeito nem objeto” (Jaspers, 2016, p.44)

Passamos a uma prática filosófica a partir de uma nova atitude que assumimos. Graças a tal posicionamento, vai ocorrer uma revelação. A revelação dos “modos de manifestação do Ser” (Jaspers, 2016, p. 44).

Avançando e clarificando o ponto que estamos a desenvolver: o Abrangente apresenta-se em diversas formas. Formas que são mantidas juntas ao serviço da vida, daí a importância de todas elas para o resultado final.

Antes, porém, de delinear as formas do Abrangente, cabe chamar a atenção para o fato de que a filosofia da existência se inicia por uma resolução que deve partir da pessoa.

Tal resolução é movida pela responsabilidade e pelo meu conhecimento clarificado.

A presente e por vezes inquietante pergunta: O que se encontra mais além do mundo que vivemos? Passa a ser arrostada.

Em nosso auxílio as palavras de Jaspers:

Não perdemos, contudo, a noção de que todo o nosso infinito conhecimento nunca deixa de ser, ao mesmo tempo, um estado de confusão. A questão reside em saber se, pensando, podemos encontrar um lugar, por assim dizer, fora do nosso conhecimento, a partir do qual esse conhecimento seja transparente no seu todo (Jaspers, 2016, p. 49).

Mergulhado em todas essas considerações, irá ocorrer, segundo Jaspers, uma transformação da “[...] minha consciência ôntica e, com isso, transformo-me a mim próprio” (Jaspers, 2016, p. 49)

Em suma: Tal mudança da nossa consciência, coloca-nos frente ao Abrangente que só existe na cisão do Eu e do objeto e “[...] toma consciência de si, por assim dizer, como objeto de si próprio na cisão sujeito-objeto” (Jaspers, 2016, p. 49)

Avancemos rumo às formas do Abrangente. Formas que, seguindo a Jaspers, existem em nós e no mundo.

Em primeiro lugar é importante levar em conta que cada modalidade do Abrangente se evidencia de uma maneira e perspectiva clara, com a sua particular origem, com seus limites, não ocorrendo qualquer transição contínua entre as modalidades.

No pensamento de Jaspers o Abrangente encontra-se sempre na sua própria anunciação. Anunciação que ocorre na presença dos diversos horizontes e objetivos. O Abrangente – eis um paradoxo – nunca o encontramos de fato, mas no seio do qual encontramos todo o mais.

Para avançarmos, devemos ter como ponto capital: o Abrangente é ou o ser em si que nos envolve, ou então o ser que nós somos. A partir desse ponto que chegamos através da forma singular de filosofar que Jaspers propõe, temos que delimitar (seria melhor pensar em conhecer) os modos do Abrangente.

. Seguindo de perto a Jaspers, daremos mais um passo à frente ao afirmar que: o ser que nos cerca é conhecido por mundo e transcendência.

Quando o ser que nos cerca surge no mundo estamos num registro do que é imanente.

Em outros termos: o mundo real não é regulado por um princípio, estranho a esse mundo.

Existirá, segundo Jaspers, uma outra espécie, onde o ser que nos cerca vem a surgir. Estaríamos diante da transcendência.

Sigamos Jaspers quando diz: “A transcendência é o ser que não é o mundo, mas que se expressa no mundo pela mediação do ser.” E mais adiante: “Mas, se existe uma transcendência, pode haver na realidade do mundo, sinais que a indiquem” (Jaspers, 1953.pp. 16-21).

Sem negar a sua importância em todo o arcabouço conceitual criado por Jaspers, o nosso interesse maior e o desenvolvimento de nossas considerações irão se voltar para o que, Grabau, no prefácio da obra *Filosofia da Existência*, de Jaspers, chama do Abrangente da subjetividade que representa o Abrangente que existe em nós e que também se apresenta nos campos da imanência e transcendência (Grabau, 1971, p. XVII).

É na dimensão da subjetividade que iremos explorar - através do olhar de Jaspers - o Abrangente que existe em nós, tendo como ponto de partida a questão maior da relação Corpo-Mente.

No campo da imanência encontramos determinadas formas do Abrangente que iremos desenvolver. Imanentes formas do Abrangente que existem em nós. São as que se seguem:

1 – Nós somos, numa primeira aproximação, sujeito vital (Dasein). A nossa vida desenvolve-se num determinado meio. Quer no meio material, quer junto àqueles que nos protegem e dão-nos acalanto desde os primeiros momentos da nossa existência nesse mundo sublunar.

Seguindo o que nos diz Jaspers, encontraremos não só uma situação, mas todo um sentimento envolvente. Ele diz-nos:

Nós relacionamos instintivamente a existência a uma realidade estreita, ao corpo vivo, a experiência interior, a percepção subjetiva de alguma coisa sem pôr algo dentro, para encontrar e moldar um ambiente. Mas nós nunca superamos o espanto do “Eu existo”. De forma refletiva nós não deveríamos velar este mistério, nem o deixar intocado. (Jaspers, 1967, p. 63)

O sujeito vital (Dasein) é equiparado à existência na abordagem de Jaspers.

2 – Nós somos consciência em geral que, vista na dimensão do Abrangente vai permitir-nos conhecer, saber algo via a objetividade.

Porém: “Consciência em geral não é realidade. Nós construímo-la como a perfeita consciência, o conhecimento que é e contém tudo. Nenhum homem a tem, mas todos nós compartilhamos isso” (Jaspers, 1967, p. 62).

Graças à consciência em geral é que conseguimos perceber toda a diversidade empírica da própria consciência. Passamos a conhecê-la na medida em que, ao entrarmos em contato com tal variedade, a percebemos como uma realidade psicológica.

Jaspers diz-nos a respeito da consciência em geral:

A consciência humana originou-se simultaneamente com a linguagem, e está anexada à linguagem. É um lugar do mundo onde a linha é traçada entre outros tipos de consciência

- como formas realmente não adequadamente visualizáveis da experiência interna - da nossa própria consciência de pensamento dirigido (Jaspers, 1967, p. 63).

3 – Cabe-nos avançar e trazer a baila a última expressão da imanência do Abrangente que se encontra em nós: o espírito (em algumas traduções de Jaspers encontramos: a mente).

O espírito é o responsável pela multiplicidade dos pensamentos, afetos e atos que marcados por uma coerência e uma orientação singulares nos impulsionam. A base do espírito são as ideias. Jaspers sintetiza o que já temos em mãos ao dizer:

Sumariamente se poderia dizer que “o espírito” é a função que estrutura e constrói as unidades. Se o sujeito vital se prende à vida singular e à consciência em geral, a racionalidade universal, o espírito esse, se situa na esfera da cultura? É, diz Jaspers, real como o sujeito vital e interior como a consciência em geral, mas a sua origem pertence a outra ordem (Hersh, 1982, p.42).

O espírito vive em transformação, o espírito modela, assimila ou rejeita os objetos que entra em contato. O espírito compreende o mundo e a si mesmo de que forma? Através de todo esse processo de construção e reconstrução, observado ora nas obras de pensamento, obras de arte, leis, instituições e costumes.

Em suma: vive e opera por meio de realidades objetivas sempre em criação.

Isto posto, já que passamos em revista os modos do Abrangente que existem na dimensão da imanência, voltemo-nos para o mundo transcendental que existe em nós. Vale lembrar, que já chamamos a devida atenção para o facto de Jaspers na introdução do capítulo somatopsicologia da Psicopatologia Geral lançar mão da expressão “totalidade transcendental”. No nosso modo de ver essa “totalidade transcendental”, na vertente da subjetividade, é representada pela noção da Existenz. Vale a pena, nos debruçarmos de forma mais detalhada sobre a Existenz. Em primeiro lugar, expliquemos o uso de tal grafia.

Seguiremos de perto o movimento realizado por Ehrlich ao traduzir a obra de Karl Jaspers para o inglês. Ela (aluna de Jaspers), utiliza a palavra Existenz como tradução do advérbio “existencial” e não como “existência” que seria “Dasein”.

É importante, de pronto, demarcar o seguinte: Na existência estamos diante do homem como objeto. Sendo assim, ele pode ser devidamente estudado pelos diversos ramos do saber. Na Existenz temos o homem como não-objetivável.

Em outros termos: essa autoconsciência não-objetivável (Existenz), é uma possibilidade aberta de criarmos (de estarmos diante de) uma nova consciência do Ser. A esse movimento, Jaspers o chama de “o saber fundamental” (Jaspers, 2016, p. 43).

Jaspers vem em nosso socorro:

A causa do próprio - ser o esconderijo do qual eu volto a mim mesmo, minha liberdade, para fazer de mim como minha própria prenda livre - tudo isso desaparece naqueles três modos do abrangente, a menos que eles representem algo mais. Mas esta causa, esta liberdade, esta faculdade de ser eu mesmo, de vir de mim próprio em comunicação com outros Eus – isto é o que chamamos do Existenz possível (Jaspers, 1967, p. 65).

Vale ressaltar na definição da Existenz feita por Jaspers os seguintes pontos-chave: a minha liberdade tem um papel central na própria formação do meu ser. Essa liberdade lança mão da comunicação com outros Existenz. A Existenz é uma opção minha que pode ou não ser possível. Mas cujo primeiro passo - rumo ao meu próprio eu - deve ser construído pela minha afirmação de ser, tal Existenz.

A Existenz, só se torna comunicável de forma indireta. Jaspers nos mostra: “Esta comunicação pode ser limitada e inatingível. Uma forma de comunicação existencial é o

involuntário silêncio, o cumprido silêncio que é realmente a mais fiável comunicação” (Jaspers, 1967, p. 65).

Devemos estar atentos à “incapacidade silenciosa” que nos leva, no plano da comunicação com outro Existenz, a traições, mal-entendidos e situações - criadas pela linguagem - que não são produtivas.

Seguindo a Jaspers: “Nós percebemos cada modo do abrangente como alguma coisa que nós somos, mas a Existenz como alguma que nós podemos ser. A possibilidade necessita ficar acordada em nós enquanto nós tentamos, em palavras, para circunscrever o que a Existenz pode ser” (Jaspers, 1967, p. 66).

Em suma: Existenz é o sempre individual, com as características de ser: insubstituível e nunca intercambiável. A Existenz não ocorre no mundo (no perimundo, como diz Jaspers), ela possui sua origem de outro lugar, vem a ser um fenómeno no mundo. Ocorre via um movimento próprio que realizamos. Torna-se presente através da necessária comunicação com outros Existenz.

Considerações finais

Jaspers veio a opor-se a um reducionismo na conceção dos fenómenos psicopatológicos.

A metodologia utilizada por Jaspers – em que temos uma clara dicotomia entre o compreender e o explicar – fez avançar o nosso conhecimento psicopatológico, nomeadamente nos fez encarar as “mitologias cerebrais” que existiam, na busca frenética de localizações cerebrais responsáveis por sintomas psíquicos. A realidade mostrou-se mais ampla e complexa.

Defendemos nesse texto que frente ao complexo problema mente-corpo, Jaspers, assumiu diversos posicionamentos. Posicionamentos que mostraram claramente os seus limites e divergências que explanamos.

Outrossim, defendemos a conceção – a partir do texto Jasperiano – que ocorreu o que chamamos de uma “transposição” do problema mente-corpo para o campo da metafísica cunhado por Jaspers.

É necessário pensar outras formas de encarar problema mente-corpo. Jaspers o faz ao propor uma “totalidade transcendental” a partir da filosofia da existência como expressamos e analisamos.

No entanto, cabe avaliar os pontos positivos e negativos de tal empreendimento. Feita essa avaliação daremos por encerradas as nossas considerações.

O primeiro movimento realizado por Jaspers é o de abarcar as funções do corpo concreto (o Dasein) e a mente (espírito) junto com a consciência numa categoria não-objetável, que é o Abrangente (expressão da totalidade).

A crítica que podemos fazer é que tal posicionamento, afastar-se-ia do que observamos, na prática clínica. Veja, por exemplo, as chamadas doenças psicossomáticas. Ao transferir a questão mente-corpo para o plano metafísico, abre-se mão do que ocorre na clínica. O Abrangente não é mensurável pelos padrões científicos de cariz físico-matemáticos.

Os pontos positivos da vigência das conceções da filosofia da existência no campo da psicopatologia seriam os de valorização da escolha do ser em captar e assumir, com liberdade e na comunicação com os outros, a sua Existenz dentro do caminho histórico que cada um optaria.

Em termos menos positivos, teríamos o fato que a árdua questão da consciência é (veja nesse sentido o ensaio de Nagel: como é ser um morcego?) posta em conjunto com outras esferas e não é discutida em detalhes nem valorizada em toda a sua complexidade.

De fecho, diríamos que a “transposição” aqui demonstrada da filosofia da existência para o campo psicopatológico, levada a efeito por Jaspers, possui no nosso modo de ver, o mérito maior

de colocar a noção plena do Homem em suas diversas facetas e vicissitudes no centro da nossa discussão, apontando na direção de uma psicopatologia da pessoa. Escrita na dimensão metafísica da Existenz. Sendo uma abrangência subjetiva.

Referências

- ARISTÓTELES. *Da alma* (De Anima). Lisboa: Edições 70, 2001.
- GRIESINGER, Wilhelm. *The Journal of Mental Science*. Vol IXpp.531-547, London: John Churchill and Sons, 1864.
- HEINROTH, Johann Christian August. Concept of the Pathological Life of the Soul, in *Anthology of German Psychiatric Tests*. Geneva:World Psychiatric Association, 2007.
- HERSH, Jeanne. *Karl Jaspers*. Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 2020.
- JANZARIK, W. *Temas y tendencias de la psiquiatria alemana*. Madrid: Editorial Tricastela, 2001.
- JASPERS, Karl. *Psicopatologia geral*. Trad. Samuel Penna Aarão Reis. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1973.
- JASPERS, Karl. *General psychopathology* Trad. J. Hoerinde Marian W. Hamilton. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.
- JASPERS, Karl. Existemphilosophie. In *Existentialism from Dostoevsky to Sartre*. New York; Meridian Books, s/data.
- JASPERS, Karl. Abordagem fenomenológica em psicopatologia. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, vol. viii, n 4, 2005.
- JASPERS, Karl. *Pequena escola do pensamento filosófico*. Lisboa; Editora cavalo de Ferro, 2016.
- JASPERS, Karl. *Philosophical Faith and Revelation*. London: Collins, 1967.
- JASPERS, Karl. *Philosophy of Existence*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.
- NAGEL, Thomas. *Como é que é ser um morcego?* Lisboa: Editora Guerra e Paz, 2025
- PICHOT, Pierre. *Um século de psiquiatria*. Trad Ana Maria Coelho de Sousa. Lisboa: Gradelo, 1984.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Nivaldo Duarte de Marins. nivaldomarins@sapo.pt